



Visado pela  
Comissão de Censura

# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 262 • PREÇO 1\$00

## UMA PALESTRA

Vamos dar hoje aqui uma notícia qual jamais se escutou, desde que o Porto é Porto: e é que, os párcos e padres da rua, andam a construir moradias para pobres, dentro dos seus muros. Esta é a novidade estranha e inédita.

São casas pequeninas viradas ao sol, cheias de piedade e de luz. Cada uma fica sendo propriedade da paróquia, por força dos estatutos que regulam a Obra. Uma comissão superiormente eleita, escolhe entre os indigentes o mais necessitado. Não pagam renda. Velam pela conservação da sua residência. Cuidam do aseo. Cultivam horta e jardim aonde o terreno dá. Esta organização social, chama-se «Património dos Pobres», hoje espalhada de norte a sul, com centenas de habitações já construídas e centenas em vias de construção. Esta é a novidade estranha e inédita.

Não devemos esperar por avalanches de neve ou vagas de frio, como foi no caso da França. Não deve ser o conhecimento da morte dos enregelados. Nem catástrofes, nem episódios, nem nada. Não esperemos, nem nos movamos por notícias de fora. Que seja um postulado

## ECOS D'AFRICA

Ontem à tardinha subia um carro a nossa avenida. Ao cimo, mete em direcção aos dormitórios, em vez da casa-mãe, de onde se viu ser um visitante em primeira mão. No tejadilho da viatura e coberto com um oleado, era um volume de largas dimensões, seguro por uma corda. O passageiro declara que trás ali uma coisa para oferecer à Casa do Gaiato. Passavam rapazes. Era sábado, hora de banho. Uns iam, outros regressavam do balneário. Peço-lhes que ajudem o motorista. Um deles vai por um escadote. Outros dão a mão. Num instante ficaram à vista uma data de pacotes. São sobreindos, informa o visitante. Cem sobretudos. Este é um senhor a quem poderíamos com verdade chamar um rapaz, o novo que é. Está de férias. Esposa e dois filhos são a sua companhia. Muito apagado, emprega diminutivos quando fala das suas actividades em África. É um Grande.

Uma vez feita a entrega da remessa de sobretudos e inteirado do nervosismo causado na população, ele vai à algibeira, rapa dum livro de cheques e pergunta em que nome. *No meu*, respondi. Quem está para as dores, também está para as alegrias. *No meu*. Na falta de sítio adequado, foi no guarda-lamas que o visitante improvisou a mesa e ali escreveu. Escreveu. Que ricol!

Era uma tarde de frio. A Esposa não saiu do quentinho do automóvel, filho nos braços, ao qual serviu uma refeição de leite quente. O mais velho, dava a mão ao seu Pai. *Sai ae Africa com a intenção de lhe dar esta quantia*, disse no momento do regresso. Saiu e nunca daí tirou o sentido. Gozou ao formular a intenção. Gozou durante o tempo que a manteve. E agora, que a cumpriu, não se fala. Oh cheque!

da nossa alma inteira ao serviço do amor do Próximo, por amor de Deus. Até aqui, temos fingido ignorar ou, conhecendo, achamos muito certo que legiões de batizados, vegetem por aí indecorosamente. São cortelhas. São barracas improvisadas. São luras feitas no chão. Tocas nas pedreiras. Tudo serve de abrigo aos Sem Abrigo. Rama de pinheiro, palha de centeio, latas batidas, tábuas de caixote, farrapos do lixo, tudo serve de material à multidão dos Sem Abrigo. Eles procuram defender-se do tempo. A necessidade assim os obriga. Mas há mais. São os que escolhem terrados debaixo de qualquer árvore, como há dias topei um velho na casa dos 70, com o corpo magoado, cansado de viver. Mas ele há pior. São os amontoados. Famílias numerosas em cortes de animais sem lei, sem costumes, sem fé, sem Deus. Isto é em todas as províncias, todos os distritos, todas as aldeias. Cidades, essas merecem capítulos especiais... Temos fingido ignorar!

Estamos no Porto, dizia eu. Começou-se no Porto a construir e a entregar brevemente casas a Pobres para seu uso, sem lhes pedir renda por elas. Carvalhido. Miragaia. Ramalde. Nos subúrbios também há incêndios: - Águas Santas, Valadares, Madalena. Vamos incendiar o mundo!

O núcleo mais interessante é o de Miragaia, não só pela beleza natural do sítio, mas também e muito principalmente porque ali é a ferida. Os Magistrados conhecem, pela prática, que grande número de casos que lhes passam pelas mãos, nascem em Miragaia. Também são de Miragaia a maioria dos processos que vão dar ao Tribunal de Menores. Ora uma casinha airosa e sem renda, entregue a uma família daquela zona, evita crimes. Evita muitos crimes, sim.

Era de uma vez uma mulher chamada de má nota, que dormia ao relento, encostada às paredes, ela e seus 3 filhos. Ninguém lhe dava guarida. Ninguém a deseja por vizinha. Ela era de má nota. Pois bem. Mandou-se fazer de raiz uma casa com seu quintal. Ela instala-se na companhia dos filhos. Resultado? A pecadora converte-se. A casa ajudou.

O núcleo mais urgente é o de Miragaia, sim. Além de tudo o mais que consome as multidões destes sítios, temos as rendas dos pardieiros, que são o expectro de todo o momento. Na verdade muitas delas são pagas ao dia. Exorbitantes, inconcebíveis, ávidas, injustas. É a própria injustiça com cara de fazer bem. O homem ou mulher que subloca, pretende fazer um grande favor e os inquilinos por isso o tomam, pois que não sendo ali, teria de ser no meio da rua, pátria dos cães vadios.

Esta é a actual e deshumana situação de milhares e milhares e milhares de famílias angustiadas. Não há quarto. Não há sala. Não há patamar. Sotãos. Lojas. Vãos de escada. Cães. Gatos. Galinhas. Coelhoos. Pombas. Doenças. Vícios. Crianças. Ali tudo paga renda. De uma vez, lápis e papel na mão, começo a fazer as contas a todas as dependências de certa casa da Fonte Aurina. Somava 3.600\$00 mensais. Só na Avenida da Boa Vista! Nós temos fingido ignorar!

Chegou o tempo. Sem saberem uns dos outros, os padres da rua em Portugal, encontram-se com os Companheiros de Emaus da França e todos, cada um na sua Pátria, proclamam a Existência de Deus.

Sem discutir. Sem temer. Fora e acima de todos os cálculos humanos, lançamos as redes à ordem do Mestre e estamos pescando almas para a Vida Eterna, por meio da construção de casas para dar aos Pobres de Cristo. Este é o sentido verdadeiro e profundo do «Património dos Pobres», chame-lhe cada um o que quiser.

Não é aqui o lugar nem hora de pedir. Não tenho licença de fazer um pedidório. Mas recomendar a obrigação, isso sim. Nós temos de arranjar nesta cidade mil e seiscentos contos para a empreitada de Miragaia e outras. Com este dinheiro, podemos libertar mais de uma centena de famílias, num total de 500 pessoas. Saramos feridas. Enxugamos lágrimas. Abrimos as portas do Céu a crentes e a descrentes. E damos a nota. Provamos como é doce e possível resolver o problema dos Sem Abrigo.

As casas de Miragaia, vão ser um bocadinho encarecidas pela dificuldade do acesso. É numa encosta. Os materiais ficam a distância e têm de

*Do que nós necessitamos*

Costuma ser mais o dar notícia do que se recebe do que verdadeiramente o pedir, como a epígrafe inculca. Costuma ser. Porém hoje não. Hoje pede-se. É um medicamento. São pastilhas *Surdon*. Um dos nossos doentes incuráveis, que a princípio tomava uma por dia, hoje esgota caixas. Algum médico do seu consultório, farmacêutico das suas estantes, particular das suas algibeiras. Esperamos. Há mais de quatro anos que este doente geme. Temos de o escutar e atender. Também temos falta de escovas de dentes.

Daquelas coisas que se retiram periódicamente do *Depósito*, não há diminuição de fervor. É tudo de tudo e sempre. O mesmo se diz daquelas coisas e quantias que entregam pessoalmente no Lar, rua D. João IV 682. O jornal começou assim. Passaram-se dez anos e ele continua. *Caridade!*

Mais 100\$00 do Porto. Mais encomendas postais de todas as províncias incluindo as do Ultramar. Mais 100\$00 do Porto em cumprimento de um voto. Mais 40\$00 de Lisboa da mesma sorte. Mais 200 cruzeiros. Mais 50\$00 de uma *alentejanu*. Mais outro tanto de uma *promessa*. Mais 500\$00 do Porto. Mais 200\$00 idem. Sim senhor recebi 50\$00 e cumpri; saiba o assinante de Mafra. Mais da Beira, África Oriental Portuguesa, 150\$. *provenientes de uma transfusão de sangue*. Sangue aos doentes e pão aos pobres. Superlativo do Primeiro Mandamento! Que o nosso bom Deus, contente como está com esta família, esteja sempre contente; Pai, Mãe e uma Filhinha. Mais 100\$00 do Lobito. Mais outro tanto do Porto. Mais 20\$00 de uma *promessa*. Mais 40\$00, 10% do meu ordenado. Mais outro tanto de Alargues. Mais 500\$00 de Canda. — *Cunhado ao filho do Doutor Zéquinhas*. Mais 50\$00 do

ser conduzidos aos ombros. Mas temos vantagens. A primeira é que encontramos pedra suficiente para as fundações. Depois, é uma bica d'água ali nascida, que será o regalo dos habitantes. Também temos a considerar a extensão do terreno, 4.000 m<sup>2</sup>, a qual se não deve perder. E finalmente e muito principalmente porque sendo ali naquele sítio, temos o epílogo vivo de um livro que os padres da rua escreveram e publicaram com o nome de «O Barredo». Na verdade, depois de nele se haver revelado tanta miséria heróica, não deveríamos de maneira nenhuma ficar em poetas. Preferimos ir até ao martírio. Mártir é mais. Naquele mesmo lugar e seio daquele mesmo povo, aonde temos chorado o «sem remédio», hoje, neste momento, por mercê do nosso Bom Deus, estamos aptos e na verdade em acto de remediar. Por isso agora, quando vou ao Porto, é outro Porto. Se desço a Miragaia, é outra Miragaia. Se olho em redor, outras vistas. Se falo, outras falas. Poetas, fazem livros. Mártires, fazem casas. Antes queremos ser mártir. Tenho dito.

Porto. Mais 20\$00 de Estarreja. Mais esta carta:

«As nossas saudações rogando a Deus que o continui abençoando para elevar cada vez mais a grandiosa Obra da Casa do Gaiato, cujo nome, há muito, ultrapassou as fronteiras.

Juntamos, com alegria, um vale do correio com o n.º 73.190, referente a parte dos nossos magros proventos que infelizmente tanta dificuldade nos cria.

Pedindo a Deus que guie e lhe conserve a saúde, por muitos anos, para continuar ao leme dessa Magnífica Obra, são os votos de 4 modestos funcionários da Caixa Geral de Depósitos da Figueira da Foz 420\$00.

Isto não se comental. Mais 20\$ de Novo Freixo, Angola.

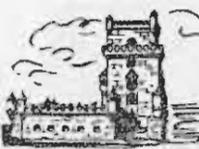
## Campanha de Assinaturas

«O Gaiato» faz anos no mês corrente. Faz dez. Anda na instrução primária. Espera-se que uma vez no liceu, fique sempre pequenino e o mesmo lhe aconteça na Universidade. *A muita ciência incha*. Os inchados não cabem. Ninguém os aceita. Morrem pelos cantos.

Faz dez anos «O Gaiato». Não é jornal de feições. Não alimenta interesses. Não defende uma região. «O Gaiato» não conhece ninguém. Nunca se leu aqui um nome. Nunca um retrato. Jamais uma nota biográfica. Então quê? Não sei. Não dou fé. Digo o que ele não é; avante não sei o caminho. Não sei mesmo se as legiões de leitores são capazes de o definir; não sei. É contudo, apreciam-no. Têm fome. Se o jornal tarda, aí vem o postal — *olhe que não recebi*.

A tiragem está nos quarenta mil. A campanha tem provado e continua a provar consequente. Os agentes dela não têm paz; mandam nomes e ficam empenhados, — *continu-o a trabalhar*.

De sorte que a meta dos cinquenta mil não está longe e a distância a percorrer, muito facilitada: *continuo a trabalhar*.



# Aqui, LISBOA!



# TRIBUNA DE COIMBRA



Dois casas da garra do P. Adriano. São no Tojal. Estão bem acompanhadas...

Os dois lustros da vida de «O Gaiato» permitem-nos uma paragem momentânea, para lançarmos um olhar para o caminho andado. Sim, nesta altura da subida já se podem contemplar as distâncias percorridas e divisar a novos horizontes. Tão palpáveis os resultados, que até um cego os pode verificar.

Apenas uma prova. No sábado passado, depois do trabalho da manhã, (têm férias inglesa) dois dos Rapazes do Lar, de treze anos —por sinal nasceram no mesmo dia,—lembraram-se de sair a angariar novos subscritores para os Pobres da Conferência que há tempos fundaram. A meio da tarde, aparecem em casa, cada qual com a sua lista de nomes que, somados, ultrapassam o número de cem. E que nomes!

Há os dos Ministérios do Terreiro do Paço, dos Correios, de Bancos e Companhias de Seguro e Comércio, Capitania do Porto, Caixas, Repartições e Fábricas. Nomes com título de Nobreza, Doutores, Engenheiros, funcionários, patrões e operários, empregados dos cafés, criadas, clero e ateus.

Ninguém foi capaz de dizer que não a estes Rapazes. E que são eles?

A um vi morrer o pai, depois de sair da Penitenciária, no soalho duma arruinada casa, da Via Latina, de Coimbra. Nada resta da-quele tempo. Nem rua, nem casa, nem família. A Cidade Universitária desfez tudo. Ao outro, dos lados do Estoril, vi a barraca onde lhe morreu a mãe e onde vive ainda o pai, em miserável situação. Talvez por esta tragédia ignorada da vida de cada um, lhes venha o poder de convicção a que ninguém resiste. Foram eles que forçaram a entrada em todos aqueles sectores, na venda do famoso. Agora foi só colher os frutos.

Decididamente o incendiário ou antes, a doutrina do Evangelho que ele apregoa, tem a arte de amolecer, quebrar e fundir corações. Longe de desunir, ele é um traço de união entre todos os homens de credos e convicções as mais divergentes. Só a bandeira da Caridade cristã pode realizar este milagre.

Mas voltemos aos factos.

Uma carrinha da Fábrica Nacional de Margarina acaba de descarregar mil pães frescos com fi-

ambre, que começam logo a desapparecer nos dentes dos cento e vinte Rapazes; a F. N. P. T. remete-nos trezentos quilos de trigo que vem renovar o nosso celeiro já esgotado; um industrial da Rua Buenos Aires manda-nos também com frequência três sacos de pão. E o pão, pão nosso de cada dia, nunca faltou...

Do mesmo modo temos calçado vestuário, remédios, empregos.

Nas igrejas ha alvoroço. Na do Campo Grande, uma criança, a meio do peditório faz tal escarcéu que suspende a atenção de toda a gente e só se cala quando a mãe a traz junto de mim e a deixa lançar na bandeja quanto encontra na mala. *Ex ore infantium.* Na de Santo Condestável, um assistente choca-se de tal modo com o que se diz, que cai desamparadamente no lagedo, com uma síncope do coração.

Enquanto uma Senhora à sua conta dá uma casa, o restante público deixa seis contos. Campo grande, cinco.

É «O Gaiato». Que força! Força construtiva ao serviço da causa mais linda que o sol viu.

Depois as realizações. Estamos a receber aqui constantemente cartas de chamada para irmos traçar normas, abrir caminho, desfazer dúvidas e embaraços, colaborar activamente na construção do Património. Com engenheiros e vicentinos fomos ver terrenos oferecidos pela Câmara em Cascais e Parede. Ali há para uma dúzia num sítio e quatro noutra. Em Moscavide, o Porto de Lisboa cede terreno para dez e o Senhor Cardeal Patriarca que já em tempo nos deu este palácio e quinta (bom é recordá-lo) está empenhado na construção de mais umas trinta, pondo assim ponto final a um bairro que a ninguém honrava.

Por aqui temos terreno para mais quatro casas que só esperam a conclusão da igreja. Em Alhandra Arruda, em Alhos Vedros já se trabalha. Estamos a levantar na cintura de Lisboa, uma resistência mais forte que as Linhas de Torres.

Até o exemplo cria emolações. Outros vão onde nunca poderíamos chegar. A CUF, tem tudo preparado para dar início a 750 casas, a SACOR vai pelo mesmo caminho. E a doutrina nova que se vai pregando do alto dos pulpitos? E nas colunas dos jornais? E nas

As tribunas anteriores têm sido de lamentação; a de hoje é um hino de acção de graças. Umas e outras têm o seu lugar. As de lamentação são para acordar, despertar e atrair; a do hino é para agradecer, louvar e guiar.

Do princípio de Novembro até ao fim de Fevereiro entrou em nossa casa:

—Um embrulho de roupas que fomos buscar a Buarcos duma Senhora Viúva; livros e mais; roupas aos vendedores; 500\$ dum Clube; uma conta liquidada pelos sócios dum armazém de solas e cabedais; uma retirante que foi ao Lar levar 50\$; 10\$ do primeiro ordenado a um vendedor; o mesmo e o dobro «duma figueirense».

Visitantes com 50\$; roupas no P. Delgado; 1.000\$00 dum anónimo no mesmo sítio; o mesmo da Confraria da Rainha Santa; coisas muitas e variadas, para a consoada, das F. Triunfo; 500\$ para o almoço do Natal da Auto-Industrial; 500\$ do Banco de Portugal; o mesmo da Shell; igual quantia da União de Grémios; uma família de visita com flanela e duzentos e cinquenta; 50\$ da M. P. do Liceu; 20\$ para a Conferência; roupas e cem; roupas e cinquenta; solas e cabedais das F. de Curtumes; roupas no Castelo; 50\$00 no Lar; o mesmo Senhor Doutor dos anos anteriores com a família no dia de Natal trouxe-nos um carregamento; um dos da primeira hora com os nossos seguros pagos e muitas coisas para o Natal. 100\$ de todos os anos; 50\$ num aperto de mão; o mesmo num envelope no Castelo; uma pele de calfe branco oferecida; 60\$ num envelope; 20\$ dum assinante; uma factura paga no Bazar do Porto e os nossos que morrem por lá estar!

170\$ de visitantes; 20\$ no Lar; o mesmo na despedida; 100\$ dos quartanistas de Ciências da «Aid-linda». Estes estudantes têm sido muito nossos amigos; uma encomenda para a nossa enferma-

tribunas do Parlamento? E nos despachos ministeriais? O Gaiato!

Há tempos um homem do Estado profetizava que seriam necessários vinte anos para que a irradiação desta doutrina, entrasse nas leis e costumes do País. Bastaram dez anos.

Quanto a esta Casa do Gaiato, vão passados seis anos de actividade. A primeira vez que vim para Lisboa tive de pedir dinheiro emprestado para o combóio. No Rocio recebi, dum anónimo, os primeiros vinte escudos. Por almoço e jantar tomei um copo de leite e uma carcaça na Rua Barros Queirós. Deram-me uma cama em S. Domingos, no quarto de um criado. Agora pasmo ao contemplar o caudal de generosidades que se traduz visivelmente nos *quatro mil e duzentos contos* que até hoje se consumiram nesta Casa. O Gaiato! E tem só dez anos! Que fará na idade madura?!

Não podemos dizer ainda que Lisboa é uma praça conquistada, mas podemos garantir que em cada leitor a Obra da Rua ocupa a melhor parte do coração.

Com tão bons auspícios temos fundadas esperanças duma rendição total.

Padre Adriano

ria da Farmo-técnica, L.da; 250\$ do Grémio da Panificação; 60\$00 de visitantes; uma gabardine e um sobretudo; 50\$ a um vendedor; o mesmo para a Conferência; 20\$ de visitantes. Tudo o que está citado procedeu, salvo erro, de Coimbra.

Da terra onde nasci, uma Senhora Professora despejou a carteira; feijão, batatas, fruta, vinho. Se eu fosse profeta ninguém lá me dava nada.

Um Senhor Doutor da Figueira, sempre incansável, mandou 100\$ para o Natal e 50\$ para a Conferência e agora o mesmo para a escola nova continuar. Daqui donde estou a escrever estou a ver dois carpinteiros a pregar o vigamento do telhado. Corações ao alto!

Mais cem da Figueira e visitantes de lá com 66\$50.

De Pombal vieram trinta por um vendedor e o mesmo por visitantes.

Um Senhor Doutor de Arazede pagou a sua assinatura e comprou um gaiato para a Senhora por 300\$; cem da Pontena de quem se quer dedicar ao Bem; muitos retalhinhos de Cacia de quem pede a Deus que o ajude nos seus negócios. Deus há-de ouvi-lo, pois também este ouviu o meu pedido.

Uma peça de pano da Covilhã. É assim há muitos anos. Que o Senhor a conserve. Visitantes do Luso com cinquenta; livros e sapatos de Lisboa; 20\$ das Caldas para Miranda e o mesmo para Coimbra e visitantes de lá com 25\$; cem da Farmácia Normal de Lisboa.

Cem no 12.º aniversário do *Doutorzinho* de Mira; 20\$ da Sertã.

Apesar de tudo isto não chegar para as despesas, temos sobejas razões para cantarmos um Hino de Acção de Graças.

Te Deum laudamus.

PADRE HORACIO

## Noticias da Conferência

### da Nossa Aldeia

Esta quinzena baixou consideravelmente o número das ofertas. O que não baixa é a despesa: medicamentos, géneros e o mais que é preciso para atenuar o sofrimento imerecido dos Pobres.

Maria do Carmo Vilhena, de Lisboa, 10\$00, sobra do pagamento do «Ovo de Colombo», o livro do dia. Maria de Lourdes Costa pagou um serviço executado pela nossa afamada tipografia e o remanescente foi para o Conferência, 10\$50. Assinante 13880, de Lisboa, 50\$00. Arnaldo Queiroz Marques, da Livração, 10\$00. Porto com 50\$. Assinante 4.809, de Setubal, 30\$00. Tondela 10\$00. Irene de Carvalho Sucena de Aldeia Velha 10\$00. E finalmente Lisboa, assinante 1.481 com 100\$00. E mais nada.

JULIO MENDES

## AVISO

Parece-me que foi de Amarante, uma carta aqui recebida, aonde se fazia encomenda de um candeeiro de ferro e pedia orçamento. Ora eu tenho aqui tudo pronto, mas o pior é que não dou com a carta, não tenho a direcção, e não sei para onde enviar. Aqui deixo o pedido de uma segunda via, espero que o freguês se não venha a aborrecer e tenha para comigo uma pontinha de paciência, da natureza da que eu tenho para com todos de dentro e de fora de casa. Cá espero a segunda via.

Isto de se perder uma carta aqui, é a coisa mais fácil do mundo. Primeiramente porque elas são aos montes. Depois porque justamente à hora em que me ocupo a ler, é que aparecem as queixas e as perguntas e os recados e tudo. Finalmente porque, enquanto procedo à abertura aí vem *Pombinha* e *Ramada* e *Manel do Emburlo* à cata de selos. Ora tudo isto junto e somado e baralhado, causa o perigo em que aqui vivemos quanto a cartas. Os senhores tenham paciência e não desanimem que eu faço na mesma.

### UMA CORRIDA AO BANCO ESPÍRITO SANTO

É verdade. Nem mais nem menos. Uma corrida ao Banco Espírito Santo avenida dos Aliados, Porto. Quem tiver ali seus dinheiros, não precisa incomodar-se; de casa pode dar instruções. Os que não, esses devem ir fazer as suas entregas à conta do *Património dos Pobres*. Muitos. Todos. Uma corrida.

Trouxemos de Moçambique mil contos. As casas estão à vista e falam por si. Neste momento, estão subindo delas em Miragaia e outros sítios. Precisamos para já de mil contos. Só uma corrida! Ontem estive ali. Em baixo, os extensos telhados da Companhia Velha. Mais longe, o pesado edifício da Alfândega. Muito sol. Muitos pedreiros. Temos ali a pedra necessária para os fundamentos, que as elevações são de tejolo. Também temos água nativa. O encarregado seguiu os canos, foi até à nascente, ali pergunta e um funcionário do Horto das Virtudes disse que sim. *Diga a ful. no (eu) que a água é acie.* Tenho um anel d'água na cidade do Porto!

Estive ali, sim. Tenho estado mais vezes. É difícil ter a palavra quando a alma vive em excessos! E dá-me pena, pois que gostaria de trazer a lume um outro «Barredo». Não segunda edição do livro deste nome. Não o segundo volume. Nada. Seria outro. Outro Livro. Mas não. Tem de ficar dentro de mim. As mães não amam menos os filhos por trazê-los escondidos.

Estive ali, sim. Cada vez, cada experiência. O Porto agora é outro e eu sou outro no Porto. Enrugado. Encanecido. Fel por bebida. A Cruz. Não importa. A alegria invade a alma, ao passo que se aproxima o dia de saber abrigados alguns Pobres do Barredo. Se os não conhecesse, não os amava tanto.

## PROCISSÃO

Hoje é uma procissão de um aniversário. Mais pompa. Mais trânsito. Mais figuras. A frente vão os directores da Mocidade Portuguesa com um cheque de três mil cento e dez escudos. São oitenta pessoas, de onde se pode inferir quão esmagados os seus heróicos contributos! Só de joelhos! Estas procissões do *Agora* têm sido por tal forma gigantescas, que é preciso cada um entrar dentro de si, meditar, chorar e só depois as poderá compreender! Arrumem-se. Deixem passar a Mocidade. Imediatamente a seguir, é uma casa anónima que alguém foi entregar no Lar do Porto. Segundo Carlos Inácio, era uma senhora modesta que entregou o suscrito em nome do seu patrão. Pode ser que assim seja, mas também se pode tratar de mentira piedosa. Ele há almas tão delicadas que tudo inventam para se esconder. Esta casa de doze contos diz assim: *Para um pobre da freguesia da Sé.* É a primeira. É o sinal. É precisamente retirando pobres da freguesia da Sé que podemos transformar o berço do Porto em campo de formosas e adequadas moradias. Tudo é fácil. Esta procissão afirma e remove dificuldades. Chegou a primeira casa com pedido de tirar um pobre do Barredo. Isto é muito mais importante do que planos e tudo mais que é uso escrever-se no papel... para ficar no papel. Por favor queiram dar lugar a esta senhora modesta ou ao seu patrão. O actual pároco da Sé do Porto, sem desprimor para os mais, é homem que muito pode fazer, porque sente e compreende o Pobre. Ainda o *Património* não era e já ele construía casas para pobres na freguesia aonde estava. Ele pode ajudar.

Lisboa vai com 160\$00. Leiria leva um prego de 20\$00. Alguém de Fonte da Moura, quer enfileirar com a segunda prestação da sua casa, 1.800\$00. Rogar assim é sinal dum acto de sacrifício; quem sabe se de uma privação?! O *Joãozinho* pediu à mãe e vai aqui com o seu abono, 50\$00. Espera-se que não faça barulho. Ao lado vai a mãe e filho com 300\$00 *da costurada percentagem do nosso trabalho*. Oh sublime trabalho! Que santo entendimento entre os dois! Como se não hão-de amar?! A Maria do Bonfim leva a prestação de mil escudos e diz assim *perdou-me a lentidão mas não tenho possibilidades de pagar a pronto*. O papel em que escreve é pobre. Pobre é também a letra. E não obstante a luz daquela Maria brilha, arde e acusa... Vizela passa com 500\$00. Vai uma *mulher de Palmela* com 200\$00. Esta *mulher de Palmela* é muito cá de casa. Uma *alentejana* também se resolveu e leva sua filha pela mão, cada uma com 200\$00. Agora são os Directores do Futebol Clube do Porto com 8.338\$80. A um cantinho vai um senhor com 1.200\$00. Ao lado, caminha um senhor de Lisboa com 500\$00 o qual deseja saber da sorte de um determinado rapaz. Conquanto nas procissões não seja dado conversar, eu abro excepção e digo que o moço deu para mal e houve de ser entregue ao Tribunal de Menores. Vai aqui alguém com mil deles *para um prego*. Deixem passar; *junto 20\$ que consegui tirar ao meu orçamento de dona de casa, que tão equilibrado tem de ser!* Cada figura de procissões, de todas estas

procissões do *Agora*, constitui uma lição de humanidade. O Carlos e a Maria dão 500\$00 *para uma pedra*

Um jeitinho e deixem passar esta Viúva de Lisboa com a sua prestação de mil escudos. Alguém da Rua Augusta, também Lisboa, vai aqui com um cheque de onze contos; e esta é a segunda jornada. Largueza. Muita largueza. Lisboa acordou e dá volume a esta procissão, nunca antes atingido. São os Empregados da Vacuum com a sua casa, na qual desejam a memória *Casa dos Empregados da Socony Vacuum*. São os Funcionários do Banco de Portugal, que também desejam *Casa dos Funcionários do Banco de Portugal*. Os Funcionários dos C. T. T., ainda da Capital, também vão com a sua casa. Nunca uma tal procissão! Funcionários... Empregados... Quantos deles terão a sua casa ou possibilidades, ou esperança, ou quê—quantos?!

Na igreja do Santo Condestável, uma senhora fez entrega de uma casa. Isto são amostras. Assim como no mundo físico também no espiritual (e aqui mais) há a desintegração. O que aí não vem, meu Deus e meu Senhor! Hão-de ser tantas as casas quantas as feridas de quem as merece.

## BOAS NOTÍCIAS

Não sei se os leitores se recordam de uma *Neta da Quinsena* acerca da senhora Ana de Jesus. Isto foi há um ano. Era nos subúrbios do Porto, uma simpática viúva que dormia (e ainda dorme) com os ossos no chão, mais um neto e cacos por loiça e trapos por roupa e *muitas dores nas cruses*, como ela então me disse, do duro. É sobre a terra extreme. Aquilo era um curral e ainda é; só que, em lugar de animais, está hoje a senhora Ana de Jesus.

A compostura desta viúva, é extraordinária. Ela destoa absolutamente da população daquela ilha; pelo que mais pena me deu. Sonhei numa casinha do *Património* para uso da senhora Ana de Jesus. Isto foi há um ano. Sonhei. Mas como? Como realizar? Aonde o terreno?

Indaguei, ao tempo, e soube que aquela ilha pertence a Aguas Santas. E por aqui fiquei. Andaram os dias. A senhora Ana de Jesus continua a dormir no curral. Dá a sua volta, aonde colhe o sustento, discretamente, em casa de famílias discretas, por S. Mamede de Infesta, segundo ela. Muito deve merecer a Deus. Ela e um reino da Graça. Porquê? Porque ontem aparece aqui o pároco de Aguas Santas com dois vicentinos. Estes oferecem terreno. O pároco está decidido a fundar na freguesia o Obra do *Património dos Pobres*.

O homem sonha. *Deus faz.* A Obra aparece.

Milagres!

### EM DISTRIBUIÇÃO

## «O OVO DE COLOMBO»

Pedidos à Editora  
Tipografia da

CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

## O OVO

Pelo andamento da expedição, estão praticamente servidos os fregueses de assinaturas; chegou-se às derradeiras letras do alfabeto. Como quer que o livro haja despertado curiosidade e apetites são de todos os dias novos pedidos. Está bem. Executa-se. Mas há aqui um *mal*. Livro pedido significa ficha armada e assim os leitores colocam-se no perigo de receber futuras edições. Cautela!

Nós estamos verdadeiramente assombrados por a procura do livro e sobretudo das palavras com que o fazem; assombrados! Não há lógica. Não há proporção. É um livrito de meio cento de folhas e são milhares a requisitá-lo. Ontem era uma carta a dizer *acabei de comungar o seu livro*. No dia anterior era outra, ditada por um doente a pedir urgência, *pois quero que mo leiam na minha agonia*. Viático! Isto quer dizer que no mundo, só o amor do próximo por amor de Deus, vale a pena. Só.

Quando cheguei de uma viagem, tendo ficado P.<sup>o</sup> Adriano nas minhas vezes, noto que ele havia publicado o regulamento do *Património dos Pobres*, tendo dado ao papel a forma de um Corporal. Para os que não sabem, corporal é um lenço de linho que serve no altar, dobrado de maneira a envolver o Corpo de Cristo. Desdobrei aquele papel. Li. Tornei a dobrar. Respeitei a forma e alegrei-me com ela. Nunca perguntei se casual ou intencionalmente. Padre Adriano sabe. Mas o certo é que os Pobres andam no corporal. Temos distribuído assim algumas centenas de exemplares. Terão dado fé os que os têm recebido?

A senhora do hospital vem-me perguntar há dias se poderia rasgar uma toalha do altar e fazer panos para a nossa cancerosa. Titúbia. Tem dúvidas. *É uma que já não serve por muito usada*, diz. E eu também disse. Disse aberta e rasgadamente que sim. Sim senhor. *Não comunga ela todos os dias?* pergunto. E da toalha do altar fizeram-se panos para as chagas da cancerosa, actualmente na fase horrível!

Parece que temos medo de identificar o Pobre com Cristo, quando a verdade toda é que foi Ele mesmo que primeiramente o fez. Ele toma como feito a si todo o mal que fazemos aos Pobres. É é tanto! E são tantos a fazê-lo e fazem-no com tanto amor, que até se escandalizam de algum bem que alguém lhes faça!

Gosto da forma de corporal a envolver o regulamento de casas para pobres. Gosto de ver desfeita a toalha do altar e com os bocadinhos dela envolver chagas de doentes incuráveis.

Gostaria que o *Ovo de Colombo* fosse verdadeira-

(Continua na 4.<sup>a</sup> página)

## PELAS CASAS DO GAIATO

**PAÇO DE SOUSA** O nosso Caetano já está quase bom de todo, graças a Deus. Já joga a berlinda no terraço do Hospital com os seus colegas.

Às vezes a senhora não o deixa sair e ele faz muitas fantochadas em cima do peitoril da janela.

Tanto, que já caiu abaixo dela, só não se magoando por trazer vestido um grosso sobretudo, o qual fez com que ele tivesse apenas umas esmorradelitas.

Cautela com os animos, Caetano!...

—No dia 7 de Março passou mais um aniversário natalício do Cândido da Glória Santos Pereira, o nosso chefe.

É bem merecedor duma prenda, pois além de ser chefe da Aldeia, é também da composição, jogador do nosso time de futebol e componente de grande destaque do nosso Grupo Cénico, que segundo me parece vai promover uma festa no dia de Páscoa.

Ad multos annos.

—Temos cá um *metereologista*? Os amigos não sabiam? Pois ficam a saber. Além de dar algumas informações do tempo (à sua maneira, é claro), também nos indica quais os dias que vão estar bons e quais os maus.

Num destes domingos os rapazes consultaram-no e ele não estando com meias medidas, saiu-se:

—Hoje vai estar um dia bom, pois não está vento nenhum...

Mas alguns rapazes inquiriram.

—Mas estão ali umas nuvens tão negras!...

—Não faz mal, pois da parte de tarde, o arco da velha muda para a parte de cima, passa-lhe o vento por baixo e acabou-se...

Ah! Já me ia esquecendo de dizer que é o José Teixeira (Caminha).

—O «Ovo de Colombo» continua a ser muito procurado e nós temos satisfeito todos os pedidos com uma rapidez formidável.

Vão sendo horinhas dos senhores que ficaram mais um bocadinho na cama se levantarem, pois o célebre «Ovo» não espera por ninguém...

—Com o presente número, entra o «Melhor do Mundo» no décimo primeiro ano de publicação ininterrupta.

Deste cantinho, pedimos a Deus que dê muita saudinha ao nosso Pai Américo para poder lutar por muitos anos e sempre com força, contra o egoísmo, monstro que muito atrapalha a sociedade.

Também pedimos aos nossos queridos amigos e assinantes, que nos arranjem muitos assinantes, para que este fogo que vem do Alto, vá da maior a mais humilde das povoações. E assim caminhamos para um mundo melhor.

—Para a nossa biblioteca, recebemos do Senhor Alberto Carvalho um exemplar da Revista Católica Brasileira, «A Ordem».

Muito obrigado Senhor Alberto e pode enviar as outras que o Senhor prometeu, pois ficamos a gostar muito deste exemplar.

—Enviaram-me selos: o Ex.<sup>mo</sup> Sr. António da Silva Pena Peralta, de Aveiro. A.C. de Oliveira, da Beira e dum anónimo de Lourenço Marques.

Quanto a jornais e revistas para a minha colecção, tenho a registar em primeiro lugar uma grande encomenda da Ex.<sup>ma</sup> Srna. D. Maria Augusta, do Porto, com promessa de mais! Quanto aos selos que diz, pode enviar, pois os que não servirem para mim, enviá-los-ei para as Missões. Recebi também do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Orlando, que me apelida de Pedincho. Da Ex.<sup>ma</sup> Srna. D. Maria da Glória Mota Alves e não me poderia esquecer também da Senhora do costume de Coimbra, que todas as semanas cá está batida.

Muito obrigado a todos.

Daniel Borges da Silva

**TOJAL** Foi inaugurado na nossa Casa mais um melhoramento: é uma alfaiataria. Na verdade tínhamos muita falta de um alfaiate. Além de dar a alguns rapazes que gostavam desse officio a possibilidade de o aprenderem, resolveu-se também a dificuldade de arranjar os nossos fatos.

Presentemente temos oficinas de sapataria, serralharia, e carpintaria. Há também rapazes a trabalhar de pedreiro, electricista e canalizador latoeiro, e agricultor. Temos portanto para todos os gostos, só nos falta a tipografia, que há-de ser montada logo que esteja pronta a igreja.

—A pobre que estava junto de nós, a de Pinteus, faleceu no dia 17 do mês passado.

A nossa Conferência assiste na Ameijoeira

a outra família que sofre muito. A pobre está doente há 14 anos. O marido dela está na cama há 3 anos e diz que está farto de estar na cama. Antes de nós começarmos a visitá-lo e a levar-lhe a esmola ele esteve tão desanimado que quis acabar com a vida.

Isto são criaturas que não sabem doutrina, por isso não sabem sofrer por amor de Cristo. Mas Deus já manda estes sofrimentos para nos recompensar na outra vida.

Quando lhe levamos a última esmola ele dizia:—Deus não quer saber de mim. Não diga isso tio, respondemos nós, tanto quer saber que foi Ele que nos mandou aqui ajudá-lo a si. Ai sim! Então muito obrigado!

—Temos em Lisboa umas senhoras que nos fazem camisolas mas não têm lá para as fazer. Pedimos a uma das fábricas de lanifícios que nos enviem alguma lá. Assim as senhoras podiam trabalhar e nós andarmos melhor vestidos.

Já agora volto a lembrar os senhores, não esqueçam o harmónio.

—Está decorrendo o nosso carnaval. As serpentina que alguém nos deixou no Lar, encheram o refeitório, e a cosinha de papelinhos. As senhoras da Cruz Vermelha trouxeram tantos brinquedos que chegou um para cada. Era uma algazarra pegada a ver quem apanhava mais e melhor.

Há também umas partidinhas e umas petas que não fazem mal a ninguém. A melhor foi a do Anhuca que acreditou que semeando na capoeira uma certa semente a planta que nascia dava cabacinhas donde saíam pintos a piar.

João A. Gouveia Marques

## Uma história

Era de uma vez eu que fui por aí abaixo. Todo o caminho choveu. Não vi ponta de sol. O dia, triste e pesado. Atravesso a rua e dou num átrio aonde estava um porteiro recamado de oiro. Não valem galões de prata. Há uma porta rolante e eu exito um bocadinho, com medo de me entalar nos gomos; não estou afeito. Outros iam entrando naturalmente e apressadamente. Tento e venci aquela minha dificuldade. Dentro outro porteiro. Mais oiro.

Agora é o elevador. Aí vou eu. Em cima pergunto e tenho por recado que sim senhor. Quem eu procuro estava. Disse quem era e mandam-me entrar. Era uma sala de muitos metros de comprimento por muitos metros de largo. Ao centro uma mesa a condizer, guarnecida de cadeiras de braços. Lustres. Tapeçarias. E eu. Entra um cavalheiro. Manda-me sentar e faz o mesmo. Dou imediatamente o meu recado; pedir uma casa para um pobre. Aquele senhor também dá imediatamente o seu recado; que não!

A chuva fustiga as vidraças... Enquanto me dirijo à porta por onde entrei, dou de cara com um cristo do tamanho de um homem, suspenso na parede. Pareceu-me de bronze. Saio. Estávamos agora no corredor. O cavalheiro despede-se e eu desço as escadas em direcção à rua. O dia era triste e pesado! O sol tinha fugido!

Façamos todos uma meditação séria, pois que dentro da minha alma não há despeito nem ressentimento. Estou por isso livre para poder meditar e oferecer aos mortais a mesma ocasião. Vamos ao cristo. O cristo daquela sala. Eu tinha estado ali em Seu nome. Em virtude da missão que ali me levou, eu era *alter cristus*.

Foi por Ele. Melhor; foi para Ele que ali pedi uma casa. Isto é rigor. Ninguém pode acrescentar. Ninguém pode diminuir. Mas eles não.

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

«Leio neste número, entre outras, como sempre, boas notícias também a respeito do Algarve, minha província natal: que «o Ex.<sup>mo</sup> Senhor Bispo Auxiliar do Algarve anda muito interessado e vai construir casas para pobres». Vem igualmente uma Algarvia com cincoenta deles.

Deus tocando-me o coração, manda-me ingressar no cortejo, na grande obra do Património dos Pobres. Como o instrumento de que Ele se serviu para tocar-me o coração desta vez foi o «Incendiário», que seja igualmente por intermédio de si que chegue ao conhecimento do Ex.<sup>mo</sup> Senhor Bispo Auxiliar do Algarve a minha disposição de pôr à ordem de Sua Excelência Reverendíssima, além da quantia necessária para a construção de duas moradias para pobres, a efectuar na povoação de Paderne, Algarve, donde sou natural, mais a importância de dez contos, sendo dois mil escudos para cada, para iniciar (ou inserir na subscrição se já estiver iniciada) a construção duma moradia para pobres em cada uma das sedes das freguesias limítrofes que circundam Paderne, ou sejam, Albufeira, Algoz, Alte, Boliqueime e São Bartolomeu de Messines.

Para as duas, a construir sob o meu patrocínio, estimaria que fôsse prevista a existência de seu aido em cada uma, para ao menos conter uma árvore, algumas flores e um pequeno horto.»

Algarve vai ter casas para os seus Pobres. Vai ter. Esta carta o diz. Atrás deste senhor de Paderne estão outros. Estão muitos. Nem o Algarve suspeita...!

Nós temos assinantes do Algarve nas cinco partes do mundo. Era costume receber cartas de vez em quando, lastimando a ausência de algarvios na procissão do *Agora*. Isso foi; já não é. Que outros se expliquem da América, África, Ásia. Aquele senhor de Alportel que um dia, no Rio de Janeiro, me revelou o amor à sua terra, aonde desejaria *fazer coisas*, tem agora a porta aberta. Dirija-se ao Senhor Bispo Auxiliar. Os Bispos são o penhor. Outros de outras províncias. De outros Continentes. Embarcados. Ausentes e presentes. Todos. Quem tiver um tostão, faça-o chegar à residência episcopal. Por tudo, por todos, e também porque o Algarve foi o berço de Duarte Pacheco.

Tem chegado até nós, pela Imprensa, os ditos e os feitos do Padre Pedro, em França. Os jornais de Inglaterra, segundo também li, desejam a presença e a acção de um Padre Pedro na sua pátria. Tem graça e vale a pena acentuar que estes gritos d'alma das duas Nações, deram-se precisamente na altura em que os *quatro grandes* comiam Caviar em Berlim!

«O OVO». — Continuação da página anterior  
mente a descoberta. Um descobrimento e uma conquista. Descobrir o que o Evangelho ensina e por ele conquistar almas para Deus.

É o Património dos Pobres. São casas para os Pobres. Casa e pão.

O Padre Pedro, (estou falando pelos jornais) tem já a trabalhar consigo um grupo de homens de bem, que se designam por *Discipulos de Emaús*. Foram directamente ao Grande — sem grandes. A fonte. Tiraram o nome do coração do Evangelho. São discípulos. Homens avisados. Fala-se em dez mil contos, recolhidos num instante. Eloquência? Personalidade? Ocasião? Tudo isto e nada disto. É a Igreja e os Seus Pobres. Eis.

*Nossa senhora dos Sem Abrigo*, é a invocação de um cruzeiro que o Padre Pedro ergueu algures; num bairro de urgência, aonde abrigam 350 famílias. Oh formosura das formosuras! Oh devoção real e prática!

Mas há mais. Ele há mais. O *Abbé Pierre* vai buscar os Ministros por um braço. Um, assistiu aos funerais de vítimas de desabrigo e este chorou! Se aqui fosse possível o mesmo, quantos não haviam de chorar... e despachar — quantos. Sim, quantos, pois que condições e homens são identicos.

O Ministro das Finanças, lança um empréstimo público. «Depois da Idade Média, será este o primeiro empréstimo no qual os franceses são convidados a participar sem nenhuma retribuição ao capital, «por amor de Deus e do próximo».

E nós outros, padres da rua, cá vamos trabalhando; muito felizes por termos a quem pedir por amor de Deus e do Próximo.

## UM PEDIDO URGENTE

São escovas de dentes. É um objecto caro. A gente se as vai comprar, colocá em perigo outras urgências.

Os rapazes são um rôr. Querem escovas. Eu gosto que eles as peçam e que as usem. Bons dentes, boa saúde. Os rapazes já sabem. Não se atrevem a pedir-me nada, sem primeiro escovar os dentes, sabendo que sem isso, não os atendo. Ora aqui deixamos o pedido. Quando da última vez, houve um Anónimo que não esteve com meias medidas. Mandou 100 delas e acabou. Um cento! Ainda estará em sua casa?

## A VENDA DO JORNAL

em Aveiro

Vendo agora 200 jornais. Quando comecei a ir vender o jornal daqui do Porto vendia 150, depois atingi 170 e agora vendo actualmente 200 e ainda estou esperançado em chegar aos 250 mas para isso todos me haviam de arranjar novos fregueses.

Estou muito contente com o povo de Aveiro, todos me tratam bem dá-me de comer e dormida e, ultimamente roupas que me têm feito muito jeito. Para agora o que me faltava era um relógio se por acaso algum dos nossos estivesse leitores tivesse algum já arrumado e impudesse mandar agradecia muito pois faz-mo imensa falta.

E já agora agradecia à gerência do Teatro Aveirense e do Cine Avenida por me serem sempre à disposição a sala dos espectáculos. O mesmo acontece no Estádio Mário Duarte onde vendo sempre com grande agrado e entusiasmo, mas onde ve do mais é no Cine Avenida. A todos estes Senhores um muito obrigado. Sim?

João de Buarcos

Colabore na «Campanha de Assinaturas», angariando novos assinantes.